

**Os marcadores discursivos e a argumentação em gêneros da esfera jornalísticas
que encontram-se no manual didático**

**Discursive markers and argumentation in journalistic genres found in the didactic
manual**

Magno Santos Bastia¹

Unifap

Resumo: Discute-se no texto a relação argumentativa desencadeada pelos marcadores discursivos (doravante MDs) nos gêneros discursivos da esfera jornalística que encontram-se no manual didático na educação básica. Além disso, a necessidade de trabalhar na sala de aula a partir do manual didático os MDs sob a perspectiva da argumentação. Vale a ressalva que entendemos o manual didático como um instrumento linguístico utilizado no processo de ensino-aprendizagem. Para tanto, selecionamos artigos de opinião de manual didático de língua portuguesa do segundo ano do Ensino Médio e acionamos a teoria da argumentação para a discussão e análise dos MDs. Por fim, compreendemos que os MDs são mecanismos linguístico-discursivos importantes na articulação das ideias no texto e que guiam as orientações discursivas dos interlocutores, bem como a relevância e a necessidade de os autores de manual didáticos e os docentes da educação básica discutirem as funções que exercem os MDs nos textos orais e escritos, sobretudo nos gêneros da esfera jornalística publicados nos manuais didáticos.

Palavras-Chave: Gêneros da esfera jornalística; Manual Didático; Marcadores Discursivos.

Abstract: We discuss in the text the argumentative relationship triggered by discursive markers (hereinafter DMs) in discursive genres of the journalistic sphere that are found in the didactic manual in basic education. In addition, the need to work in the classroom from the didactic manual the MDs from the perspective of argumentation. It is worth mentioning that we understand the didactic manual as a linguistic instrument used in the teaching-learning process. To do so, we selected opinion articles from a Portuguese language textbook for the second year of high school and used the theory of argumentation for the discussion and analysis of the MDs. Finally, we understand that MDs are important linguistic-discursive mechanisms in the articulation of ideas in the text and that guide the discursive orientations of the interlocutors, as well as the relevance and need for manual authors didactics and basic education teachers discuss the functions that MDs play in oral and written texts, especially in journalistic genres published in didactic manuals.

Keywords: Genres of the journalistic sphere; Didactic Manual; Discursive Markers

Submetido em 16/07/2023

Aprovado em 18/12/2025

Introdução

As concepções que norteiam os marcadores discursivos (doravante MDs) transitam nas esferas linguísticas da Pragmática, Linguística Textual e da Argumentação. Dentro desses lugares linguísticos, serão utilizados para análise

¹ Professor Adjunto da Universidade do Estado do Amapá

os princípios da Argumentação, sobretudo, os de Ducrot. Além disso, encontram-se várias definições, dentre elas: os MDs são unidades linguísticas e mecanismos linguísticos que estabelecem vínculos semânticos e pragmáticos entre os enunciados. No entanto, os teóricos estudados, Alomba Ribeiro (2005), Portolés (2001), Sánchez (2008), Pallaird (2011), dizem que os MDs são elementos complexos e ainda exigem investigações acerca de sua definição e categorização.

A análise e a classificação dos MDs em textos jornalísticos adotados em manuais didáticos de Língua Portuguesa da rede pública estadual pelo PNLD de 2018-2020, em específico, dois exemplares, a saber: Leila Lauar Sarmiento; Douglas Tufano. Português: literatura, gramática, produção de texto. São Paulo: Moderna, 2010. William Roberto Cereja; Thereza Cochar Magalhães. Português Linguagens: Literatura, Produção de Texto, Gramática. São Paulo: Saraiva, 2018, ambos da segunda série do Ensino Médio, CISO pode contribuir para que a comunidade acadêmica, como também os professores que atuam na Educação Básica percebam a importância dos MDs nos textos jornalísticos presentes nos manuais didáticos e para que o estudo da argumentação seja mais amplo na Educação Básica, uma vez que é a principal tipologia solicitada nos exames que selecionam os discentes para as universidades.

Na primeira seção discute-se as características dos gêneros da esfera jornalística, concepções e estrutura nos manuais didáticos. Na segunda, a relevância do uso e das funções dos MDs apresentados nos gêneros da esfera jornalística. Por fim, na última seção a análise dos MDs em artigos de opinião e editoriais.

1. O gênero da esfera jornalística: concepções e estrutura nos manuais didáticos

Os gêneros discursivos fazem parte da comunicação verbal, permitem a interação entre os indivíduos nos diversos espaços sociais e exigem deles diferentes usos da linguagem. Além disso, os discursos que circulam nos gêneros primários e secundários são estabelecidos pela relação recíproca da compreensão ativa e responsiva dos interlocutores.

Nas diversas esferas sociais, os gêneros discursivos constituem-se de formas próprias e linguagens imbricadas entre várias culturas. O jornalismo, a publicidade, a literatura, a internet, compõem-se de enunciados que pertencem a distintas realidades linguísticas. Nessas inúmeras formas do dizer, os interlocutores, comunicam-se e dirigem-se ao outro, evidenciando o seu projeto discursivo.

Assim um diálogo perde sua relação com o contexto da comunicação ordinária quando, por exemplo, para um texto artístico, uma entrevista jornalística, um romance ou uma crônica. Adquire, assim, os matizes desse novo contexto”. (MACHADO, 2012, p.156)

O texto artístico, a entrevista jornalística, o romance e a crônica inseridos no contexto da comunicação produzem falares, constituem-se de comportamentos humanos e apresentam aspectos que fazem parte da individualidade e coletividade humana. Na relação entre as particularidades individuais dos sujeitos e a coletividade, constitui-se o jogo discursivo. Nesse jogo discursivo a presença de inúmeros elementos a exemplo do contexto e dos enunciados linguísticos, contribui para a predominância da intenção do autor. Machado (2012, p.157), diz que “a intenção do autor se realiza em função de uma escolha efetuada dentre as formas estáveis dos enunciados”.

Além da intenção do autor, do comportamento humano, da individualidade e a coletividade dos sujeitos, o contexto comunicativo estabelece formas e particularidades dos gêneros discursivos, sejam eles primários ou secundários.

Com isso, Bakhtin afirma a importância do contexto comunicativo para a assimilação desse repertório de que se pode dispor para enunciar uma determinada mensagem. Isso porque os gêneros discursivos são formas comunicativas que não são adquiridas em manuais, mas sim nos processos interativos. (MACHADO, 2012, p.157)

Na interatividade verbal que os gêneros discursivos se inscrevem, os enunciados são construídos e representam os múltiplos interesses comunicativos dos falantes, além de estabelecer relações simétricas e assimétricas entre a cadeia de enunciados produzidos pelos interlocutores, por isso Machado (2012, p.158), afirma que “os gêneros são elos de uma cadeia que não apenas unem como também dinamizam as relações entre pessoas ou sistemas de linguagens e não apenas entre interlocutor e receptor”.

Essa dinamicidade concretiza-se nos espaços sociais e históricos que os enunciados são inscritos e realizados, além disso, consente o diálogo entre as diferentes formas do dizer, que permeiam os diversos contextos comunicativos, a saber, os anúncios, as placas de rua, o rádio, a televisão, a mídia digital, dentre esses enunciados encontram-se os gêneros secundários jornalísticos que atravessaram a história e conquistaram os diversos espaços na contemporaneidade.

A construção da primeira máquina de imprensa por Johannes Gutenberg contribuiu para a formação do jornal, bem como a origem do gênero jornalístico. Ao longo da história, os jornais foram utilizados para a divulgação de crônicas, denúncias e sobretudo, na apresentação de artigos de opinião, carta ao leitor e editorial. Além disso, o jornal impresso alcança *status* e agrega inúmeros textos que colaboram para a formação de cidadãos críticos e reflexivos. Para Faria (2007), o jornal nasce na França, especificamente, no século XV e a princípio a neutralidade e a objetividade das informações caracteriza o texto jornalístico em um produto “seco”, sem conotações de afetividade. Mas, no decorrer dos anos os gêneros jornalísticos conquistaram formas e estilos que mesclaram a sensibilidade e aridez das informações no texto.

Trabalhar com esses textos na sala de aula requer do professor habilidades linguísticas e discursivas que compreendam a riqueza dos gêneros jornalísticos, isto é, dos gêneros do discurso, que, para Bakhtin (2010) são elementos infinitos e relativamente estáveis que comportam estilo, elementos composicionais e conteúdo.

O estilo, os elementos composicionais e o conteúdo dos gêneros jornalísticos permitem ao docente explorar os recursos argumentativos e as estratégias discursivas, a partir dos marcadores discursivos utilizados pelos autores, e da composição linguística dos gêneros.

No campo jornalístico, além da divisão de gêneros jornalísticos que seriam os gêneros do jornalismo, também existe uma divisão do fazer jornalístico em gêneros de jornalismo. Informativo, interpretativo, de aprofundamento, investigativo, opinativo, diversional e de precisão seriam gêneros de jornalismo. Existiriam, assim, “jornalismos”. Ao se defender a existência de “jornalismos”, está-se defendendo diferentes competências e técnicas. Talvez se possa falar no emprego de dadas competências, mas não acreditamos que se possa falar em diferentes competências para diferentes “jornalismos”. Se assim for, as competências do fazer jornalístico, da instituição social jornalística, deveriam incluir ações ligadas a divertir e entreter, por exemplo. (SEIXAS, 2009, p.156-157)

Os diferentes jornalismos e o fazer jornalístico compreendem a complexidade dos gêneros discursivos, o seu estudo e principalmente, a necessidade de explorá-los na sala de aula, pois, para entender as diversas esferas do jornalismo, desenvolver as competências e técnicas necessárias, é mister que os alunos sejam imersos na análise e reflexão dos elementos composicionais e do conteúdo que constituem os gêneros jornalísticos.

Dentre os gêneros jornalísticos utilizados pelos autores de livro didático encontram-se o artigo de opinião, a carta ao leitor e o editorial.

o artigo de opinião, em geral, se organiza seguindo a linha argumentativa, iniciando com a identificação do tema em estudo, acompanhando seus antecedentes e alcance, seguindo uma tomada de posição, ou seja, quem o escreve usa de argumentos para formular uma tese, encerrar ou reafirmar uma posição já tomada no início do texto. (PETRONI e JESUS, 2008, p.75)

Já a carta ao leitor,

as cartas são endereçadas à redação de revistas e jornais com diversos propósitos comunicativos, como opinar, agradecer, reclamar, solicitar, propor reflexões, relatar experiências, elogiar e criticar, entre outros. Algumas fazem referência a matérias publicadas em edições precedentes; há aquelas que comentam cartas anteriormente publicadas, e existem outras dirigidas a autores de artigos, à própria equipe da revista ou jornal, fazendo solicitações, sugestões ou alterações nos suportes. (CARVALHO, 2008, p.95)

Esses dois gêneros são excelentes recursos para a construção argumentativa dos alunos, além de possibilitar ao professor explicar elementos morfossintáticos a exemplo de vocativo, conectivos, operadores argumentativos, referenciação e a composição textual dos gêneros, como também explanar sobre a função social do jornal e a importância desses elementos no texto. Acredita-se que após a exposição e a produção de atividades envolvendo todos os aspectos que compõem os gêneros jornalísticos artigo de opinião, carta ao leitor e editorial o discente seja capaz de produzir textos argumentativos.

Vale lembrar que a exposição e o ensino dos aspectos composicionais, morfossintáticos e discursivos dos gêneros jornalísticos constituem a formação do diálogo entre o ensino e aprendizagem. Além disso, a apresentação dos aspectos linguísticos e discursivos dos gêneros discursivos associados à produção textual e a leitura direcionam o discente para a sua formação crítica e reflexiva e, possibilita a compreensão da heterogenia da linguagem.

Como em função da crítica às práticas escolarizadas da produção textual e da leitura ganhou força a concepção de que o ensino/aprendizagem dessas práticas como interação verbal social tenha os gêneros do discurso como objeto de ensino, abre-se um novo diálogo, agora tendo como objeto de ensino, agora tendo como foco, além das noções de interação verbal e dialogismo, a dos gêneros do discurso. (RODRIGUES, 2005, p.153)

A leitura e a produção de textos são práticas de interação verbal e o ensino das particularidades discursivas, a exemplo dos marcadores discursivos, permite aos discentes

compreenderem os aspectos linguístico, social e ideológico dos textos. Além disso, ajuda aos alunos a entenderem as estratégias utilizadas pelos locutores dos textos orais e escritos para convencer o interlocutor das ideias e dos pontos de vista colocados no texto. Assim, diante deste relato sobre o gênero jornalístico, na próxima seção discute-se a relevância do uso e das funções dos marcadores discursivos apresentados nos gêneros jornalísticos.

2. A relevância do uso e das funções dos marcadores discursivos apresentados nos gêneros da esfera jornalística.

A cada três anos o Ministério da Educação (MEC) disponibiliza Livros Didáticos, posteriormente LD, para que as escolas públicas escolham aqueles cuja organização esteja de acordo com a proposta de ensino da escola. No PNLD de 2018 a 2020, os docentes da Escola Estadual de Itabuna selecionaram a coleção Português: Literatura, Gramática e Produção de Textos, dos autores Leila Lauar Sarmiento e Douglas Tufano para o Ensino Médio. A coleção está organizada em três grandes eixos: o primeiro aborda os conteúdos relacionados à literatura; o segundo, à gramática e o terceiro à produção de textos. Os três aspectos envolvem diversos tipos de textos, dentre eles, o jornalístico. Para Bueno (2011), o LD atual segue ao modelo originado na década de 1960 e apresenta pequenas variações, isto é, leitura, compreensão e interpretação de textos; estudo do vocabulário; estudo dos tópicos gramaticais; produção de texto e alguns exemplares apresentam uma seção para a língua falada. Na obra em análise, encontra-se essa mesma classificação.

O manual didático de Português Linguagens: Literatura, Produção de texto e Gramática, dos autores William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães. Os autores dividiram o livro em quatro unidades, nestas, encontram-se capítulos que são constituídos de conteúdos acerca da literatura, língua e produção de textos. Percebe-se essa classificação a partir da demonstração do sumário a seguir:

Figura 1 – Sumário do manual didático.

Sumário	
UNIDADE 1	HISTÓRIA SOCIAL DO ROMANTISMO. A POESIA
Capítulo 1	A linguagem do Romantismo 12
<i>Introdução</i>	Letra: "Canto do exílio" de Gonçalves Dias 12
	Letra: "Fragmento de O salutar do José de Alencar, de Coelho" 12
	Do texto ao contexto do Romantismo 12
Capítulo 2	O substantivo 20
<i>Introdução e reflexão</i>	Flora de adivinhos 20
	O substantivo na construção do texto 27
	Semântica e discurso 29
Capítulo 3	O verbo de linguagem comunitária 30
<i>Introdução e reflexão</i>	Reflexão e gênero 30
	Produção e texto de linguagem comunitária 31
	Exemplos com adequação 32
	O discurso verbal 32
	Tipos de discurso na linguagem verbal 35
Capítulo 4	O Romantismo em Portugal 39
<i>Introdução</i>	A primeira geração romântica 39
	Letra: "Primeira de Almeida Garrett" 41
	Letra: "Fragmento de Raimundo, o pastor, de Alexandre Henriques" 42
	Letra: "Fragmento de Amor de porção, de Carlos Castelo Branco" 47
Capítulo 5	O adjetivo 52
<i>Introdução e reflexão</i>	Flora de adivinhos 52
	O adjetivo na construção do texto 58
	Semântica e discurso 62
Capítulo 6	O Romantismo no Brasil: primeira geração 64
<i>Introdução</i>	As gerações do Romantismo 64
	Letra: "Primeira de Almeida Garrett" 65
	Letra: "Fragmento de O salutar do José de Alencar" 67
	Para quem quer mais 68
Capítulo 7	O artigo e o numeral 69
<i>Introdução e reflexão</i>	O artigo e o numeral na construção do texto 69
	Semântica e discurso 71
Capítulo 8	A metáfora 72
<i>Introdução e reflexão</i>	Reflexão e gênero 72
	Produção e interpretação 72
	Exemplos com adequação 73
	O discurso verbal em textos narrativos, ficcionais 75
Capítulo 9	O ultrarromantismo 80
<i>Introdução</i>	O modo de amor 80
	Letra: "Primeira de Almeida Garrett" 82
	Letra: "Primeira de Almeida Garrett" 84
	Letra: "Primeira de Almeida Garrett" 86
	Letra: "Primeira de Almeida Garrett" 88
	Para quem quer mais 90
Capítulo 10	O pronome 91
<i>Introdução e reflexão</i>	Introdução 91
	Pronomes demonstrativos 98
	Pronomes possessivos 99
	Pronomes relativos 101

Fonte: SARMENTO, Leila Lauar; TUFANO, Douglas. Português: Literatura, Gramática, Produção de Texto. São Paulo: Moderna, 2010

Certamente, a classificação acima transita em duas dimensões linguísticas, a estruturalista e a aplicada. Na primeira, os autores apresentam os conceitos e concepções acerca dos mecanismos morfológicos. Já na segunda, há a aplicação dessas concepções na construção do texto, além disso, os tópicos semântica e discurso deixam claro que os autores adotam parâmetros da Linguística Aplicada.

O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), tem como parâmetro as diretrizes dos PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) e algumas instituições escolares, também as Orientações Curriculares do Estado. Segundo os Parâmetros Curriculares ser falante e usuário de uma língua pressupõe:

A utilização da linguagem na interação com pessoas e situações, envolvendo:

- desenvolvimento da argumentação oral por meio de gêneros como o debate regrado;
- domínio progressivo das situações de interlocução, por exemplo, a partir do gênero entrevista;
- o conhecimento das articulações que regem o sistema linguístico, em atividades de textualização:

- conexão
- coesão nominal
- coesão verbal
- mecanismos enunciativos

A leitura plena e produção de todos os significativos, implicando:

- caracterização dos diversos gêneros e seus mecanismos de articulação;
- Leitura de imagens
- percepção das sequências e dos tipos no interior dos gêneros;

- paráfrase oral, com substituição de elementos coesivos, mantendo-se o sentido original do texto.(PCN, 2002, p.61)

Os PCN trazem à tona os princípios dialógicos da linguagem e a necessidade de apresentar aos alunos os diversos tipos de gêneros discursivos do ponto de vista da oralidade e da escrita, e o ensino dos mecanismos linguísticos que constituem a progressão temática e a organização do texto. A partir desse parâmetro os gêneros jornalísticos artigo de opinião e editorial, evidenciam todos os aspectos contemplados nos PCN, pois esses gêneros caracterizam-se por exprimir nas diversas camadas textuais os diversos aspectos da conexão referencial e conectiva e da textualização, a exemplo dos marcadores discursivos e da coerência. Bueno (2011, p.84), diz que

os PCN recomendam que os LD trabalhem com os gêneros da imprensa. Contudo, há poucos trabalhos descrevendo-os com finalidades didáticas, o que provavelmente fez com que as coleções tratassem os gêneros jornalísticos, bem como os literários, procurando defini-los teoricamente, para só depois partir para as atividades.

No caso das coleções em análise, primeiro os autores apresentam o exemplo do gênero que será estudado, logo após, questões de leitura e interpretação de textos e, por fim, a definição e as características. Ou seja, não se observam diretamente as particularidades, as atividades também não permitem aos alunos compreendê-las. Percebe-se essa constatação a partir dos fragmentos extraídos do manual didático dos autores Leila Lauar Sarmento e Douglas Turfano.

Figura 2 - Demonstração da apresentação do capítulo correspondente ao trabalho com o gênero artigo de opinião.



Fonte: SARMENTO, Leila Lauar; TURFANO, Douglas. Português: Literatura, Gramática, Produção de Texto. São Paulo: Moderna, 2010.

Figura 3 - Proposta de atividade sobre o gênero artigo de opinião.

- 1 Você já produziu textos narrativos como a notícia e o conto. Nesses trabalhos foi possível observar que os gêneros narrativos visam, em especial, contar fatos ou histórias.
 - a) Com que intenção foi produzido o artigo de opinião em estudo?
 - b) O artigo lido apresenta as mesmas características da notícia ou do conto? Esclareça a sua resposta.
 - c) O assunto focalizado nesse artigo é um fato que pertence ao cotidiano. Por que a articulista discute esse assunto e não outros publicamente?
- 2 O *bullying* tem se tornado uma questão social que se agrava, principalmente, entre crianças e jovens.
 - a) Explique por que, de acordo com o texto, esse "fenômeno" ocorre, em geral, quando há grupos mais jovens e, em especial, em escolas.
 - b) Segundo a autora, o *bullying* é uma das consequências dos "atos de incivilidade". Explique por quê.
 - c) Na sua opinião, o cidadão comum no Brasil julga que "ser um cidadão responsável e respeitoso promove desvantagens"? Esclareça a sua resposta.
- 3 O artigo de opinião nem sempre apresenta uma **estrutura** fixa, mas em geral podem ser observadas estas partes em sua composição: o **título** (e às vezes, logo abaixo, o **olho**, que representa uma frase em destaque), a **tese** (ponto de vista do autor) e sua defesa, a partir de uma **argumentação** fundamentada em opiniões e dados concretos.
 - a) O **título** geralmente antecipa o tema que será analisado no artigo. Nesse caso, por que a autora optou pela abordagem de dois assuntos polêmicos no mesmo artigo?
 - b) Nesse artigo não há o **olho**, que apresentaria de forma resumida o ponto de vista da autora sobre o tema. Crie um olho para ele, sintetizando as opiniões de Rosely Sayão.
 - c) No primeiro parágrafo, encontra-se uma explanação da situação que gerou a polêmica e a tese que será defendida nos parágrafos seguintes. Qual é a tese da autora sobre o assunto abordado?
- 4 Do segundo ao sexto parágrafos, a autora apresenta argumentos para convencer o leitor de que a sua tese sobre o assunto está bem fundamentada.
 - a) No segundo parágrafo, de que forma ela inicia sua estratégia argumentativa?

Fonte: SARMENTO, Leila Lauer; TUFANO, Douglas. Português: Literatura, Gramática, Produção de Texto. São Paulo: Moderna, 2010.

Figura 4: Apresentação das características textuais do artigo de opinião

LENDO O CONTEXTO

O **artigo de opinião** é um texto argumentativo a partir do qual se defende um ponto de vista sobre uma questão polêmica, muitas vezes debatida em sociedade. Ele é elaborado com a intenção de convencer o leitor a concordar com a tese apresentada pelo autor do texto sobre algum assunto que, em geral, gera conflito de ideias.

Essa tese pode ser exposta logo no início do artigo, como fez Rosely Sayão, ou construída ao longo do texto. Não basta, porém, apresentar um ponto de vista qualquer a respeito do assunto. É preciso fundamentá-lo. Para isso, vários recursos podem ser empregados. No texto analisado, a autora apresentou um argumento, ofereceu um exemplo para justificá-lo e, a partir desse exemplo, desenvolveu um segundo argumento, fundamentando a tese. Há, contudo, diversas possibilidades na fundamentação de uma tese. É possível empregar contra-argumentos, analogias, comparações, dados estatísticos e opiniões de especialistas, entre outros recursos.

O **contexto de circulação** do artigo de opinião é, via de regra, o meio jornalístico, pelo qual articulistas publicam, em jornais e revistas semanais, uma coluna sobre algum tema a ser debatido. As opiniões expressas nos artigos assinados nem sempre coincidem com o ponto de vista defendido pela direção do jornal ou da revista.

A linguagem empregada no artigo é a variedade culta da língua, em razão do contexto de circulação e do público-alvo a que ele se dirige.

Resumindo:

Artigo de opinião é um texto argumentativo que pertence à esfera jornalística e que visa expressar o ponto de vista ou a opinião do autor sobre determinado assunto e convencer o leitor da pertinência dessa opinião. Em geral, apresenta uma tese e argumentos que fundamentam a posição do articulista.

PRODUÇÃO DE TEXTOS

Você vai produzir um artigo de opinião para ser publicado no jornal de sua escola. Leia as propostas a seguir e escolha uma delas.

Fonte: SARMENTO, Leila Lauar; TUFANO, Douglas. **Português: literatura, gramática, produção de texto**. São Paulo: Moderna, 2010.

Acredita-se que a exposição do conteúdo a partir dessa ordem, ou seja, leitura de um artigo de opinião, atividade e a apresentação das características não contribui para que o discente compreenda as particularidades linguísticas e discursivas do gênero, bem como produza artigos de opinião seguindo todos os aspectos que o compõem.

Vale ressaltar que o manual didático é apenas um dos suportes metodológicos e os autores não têm a obrigação de abarcar todas as concepções linguísticas acerca da construção de bons produtores de textos capazes de articular as ideias e defender um ponto de vista. Diante desta constatação, acredita-se que a princípio os docentes deveriam a partir do artigo de opinião apresentado pelos autores do LD: marcar os mecanismos linguísticos utilizados pelo locutor do texto para demarcar o seu ponto de vista e também a partir de observações no quadro branco ou slides a funcionalidade do gênero e a sua importância para a esfera jornalística e, principalmente a predominância da tipologia argumentativa. Em relação à atividade, realizar algumas adaptações, por exemplo, na pergunta nº 01, solicitar ao discente que estabeleça um paralelo entre as características tipológicas, entre os textos narrativos e os argumentativos, exemplificando-os. Essa constitui apenas uma sugestão para o docente explorar melhor o que é apresentado no manual didático.

Outro aspecto a considerar apontado por Bueno (2011) é atualidade das informações, uma vez que as informações nos gêneros jornalísticos são efêmeras, nesse caso, os autores sugerem trabalhar comparando textos a partir de temáticas semelhantes e estimular o aluno a estabelecer as diferenças linguísticas e discursivas presentes nos textos.

Estimular o aluno a estabelecer diferenças linguísticas e discursivas no texto é fazê-lo penetrar nos ambientes que pertencem ao textual e discursivo dos gêneros da esfera jornalística. Essa imersão desenvolve os aspectos comunicativos no que se refere à oralidade e a escrita e os faz compreender todas as características que compõem os textos jornalísticos.

Os autores dos manuais didáticos buscam estabelecer a relação entre as características linguísticas e discursivas dos gêneros apresentados, principalmente os jornalísticos, no entanto, eles ainda restringem apenas ao linguístico do ponto de vista do estruturalismo, embora as coleções em análise apresentem traços discursivos. Em relação aos gêneros jornalísticos ainda é carente. E também não apresentam atividades de cunho discursivo, a exemplo das funções de referência e as funções da linguagem. Cardoso e Grillo (2003) dizem que as condições enunciativas presidem toda produção de linguagem, ou seja, a esfera da comunicação, identidade social dos interlocutores, finalidade, concepção do referente, suporte material e natureza do intercurso.

Esses aspectos, apontados por Cardoso e Grillo (2003), geralmente são descartados na análise dos gêneros discursivos. Na maioria das vezes, alguns exemplares apresentam características, a saber: interdiscurso, referente e esfera da comunicação, de modo separado, sem contextualização e o uso de algum gênero discursivo. No caso da coleção em análise, especificamente, no tópico artigo de opinião e editorial, esses pontos são ignorados.

Outros aspectos que devem ser considerados são os aspectos composicionais e o conteúdo dos gêneros discursivos, em especial, o artigo de opinião e o editorial. Os autores apresentam a estrutura de modo sucinto e os temas são genéricos, por exemplo, pena de morte e fome. Logo em seguida, a proposta de atividade é a construção de um artigo e de um editorial. Os autores não apresentam a especificidade dos gêneros: o contexto, a intenção comunicativa, a predominância da tipologia argumentativa, os aspectos coesivos e de coerência, o conhecimento partilhado, os frames e também as tipologias descritivas e narrativa que alguns artigos de opinião e editoriais apresentam.

Portanto, o trabalho com os gêneros da esfera jornalística, em especial, o artigo de opinião e o editorial ainda é muito incipiente e não considera as discussões acerca do trabalho com os gêneros discursivos. Além disso, ignora o que é apontado pela UNESCO e reiterado pelos PCN (2002), que são os quatro saberes, isto é, o aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver com os outros e a aprender a ser. Ignora também o que é posto pelos PCN (2002) para a construção das competências e habilidades no eixo das linguagens verbal, não verbal e digital, dos conhecimentos acerca de signo e símbolo, denotação e conotação, gramática, texto, interlocução, significação e dialogismo, é necessário que o professor, utilize a linguagem nos três níveis de competência:

- Interativa, gramatical e textual;
- Ler e interpretar;
- Colocar-se como protagonista na produção e recepção de textos e aplicar as tecnologias da comunicação e da informação em situações relevantes.

Os gêneros da esfera jornalística apresentados nos manuais em análise proporcionam o desenvolvimento dessas habilidades e competências, no entanto, os autores não apresentam atividades para que o professor possa trabalhar a partir dos três níveis apontados pelos PCN. A partir dessa constatação é necessário que os autores do manual didático introduzam os gêneros discursivos, tendo em vista o que descrevem os PCN e as novas teorias dos gêneros do discurso. Porque tornar o discente capaz de articular ideias, usar os mecanismos de articulação e de

coerência, defender um ponto de vista e posicionar-se de modo crítico e reflexivo, constitui uma tarefa que induz o discente a conhecer as características e particularidades dos diversos mecanismos linguísticos e aportes metodológicos. Dentre os mecanismos linguísticos que contribuem para a construção de textos com as ideias articuladas estão os marcadores discursivos.

Nas coleções em análise não existe uma seção específica sobre os marcadores discursivos. Percebe-se nos manuais que os conteúdos gramaticais explorados são de natureza morfológica, a saber: substantivo, artigo, verbo, dentre outras. No manual didático dos autores William Cereja e Thereza Cochar Magalhães a apresentação do conteúdo gramatical ressalta mais características discursivas do que estruturalistas. Os autores, a princípio, procuram construir o conceito a partir de um gênero do discurso, no caso do advérbio um quadro de Georges de La Tour, logo após, o conceito e por fim os valores semânticos. Conforme a demonstração a seguir:

Figura 5: Construindo o conceito de advérbio.

CAPÍTULO 5 *Língua: uso e reflexão*

O advérbio

Construindo o conceito

Observe este quadro, de Georges de La Tour:



O trapaceiro com ás de ouros (1623-40), de Georges de La Tour.

- Na cena retratada pela pintura não há luz artificial. Portanto, é dia ou noite? E dia.
- Três pessoas jogam cartas a dinheiro.
 - Como e onde estão os jogadores de carta? Eles estão sentados em torno de uma mesa de jogo.
 - Quem é provavelmente a mulher que está em pé? A criada, pois ela está servindo vinho à mulher que está jogando.
 - Como é o olhar das duas mulheres? Desconfiado, cúmplice.
- Observe a atitude das pessoas retratadas.
 - De que modo o trapaceiro pega as cartas que estão escondidas em seu cinto? Com astúcia, com habilidade, com expertise.
 - Ele está conseguindo enganar os outros jogadores? Justifique sua resposta. Não, porque a criada viu suas atitudes e a mulher também viu a mulher, observando-a.

Fonte: CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. Português linguagens: Literatura, Produção de Texto e Gramática. v. 02 7. ed. São Paulo: Saraiva, 2010

Figura 6 – Apresentação do Conceito de Advérbio e dos valores semânticos

de sua opinião, qual será o desfecho desse jogo?

Sugestão: Provavelmente o trapaceiro será desmascarado pela mulher.

Respondendo a linguagem visual para a verbal, complete o texto seguinte, de acordo com as indicações entre parênteses e com os elementos do quadro *O trapaceiro com os de ouros levantados anteriormente*.

Três pessoas estão sentadas ☐ (lugar) e jogam cartas. O jogador sentado ☐ (lugar) está trapaceando, ☐ (modo), duas cartas que estão escondidas ☐ (lugar). Ele, entretanto, ☐ (negação) está conseguindo enganar seus parceiros de jogo, pois a criada deve ter visto suas artimanhas, quando passou ☐ (lugar) dele para servir o vinho, e troca olhares com a mulher, avisando-a. A mulher ☐ (atitude) o desmascara.

de uma mesa; à esquerda; com astúcia; em seu cinto; não; atrás; talvez

Conceituando

As palavras que se referem principalmente ao verbo, dando ideia de lugar, tempo, modo, causa, etc., são chamadas de **advérbios**.

Advérbio é a palavra que indica as circunstâncias em que se dá a ação verbal.

Um conjunto de duas ou mais palavras que têm valor de advérbio denomina-se **locução adverbial**:

O jogador pega cartas escondidas **com astúcia**.

O advérbio modifica apenas o verbo?

Etimologicamente, **advérbio** (ad, "junto de" + verbo) significa "termo que acompanha o verbo". Apesar disso, os advérbios de intensidade podem acompanhar, além de verbos, substantivos, adjetivos e advérbios. Veja:

Quase médico, já consulta com eficiência.
adv. subst.

O menino tem olhos muito claros, expressivos.
adv. adj.

A vida lhe corre muito bem.
adv. adv.

Alguns advérbios podem, ainda, se referir a uma oração inteira:

Felizmente, tudo se resolveu.
adv. oração

Valores semânticos dos advérbios e das locuções adverbiais

Os advérbios e as locuções adverbiais são classificados de acordo com seu valor semântico, isto é, com o modo que apresentam ou a circunstância que indicam.

Alguns dos valores semânticos dos advérbios e das locuções adverbiais são estes:

tempo: ontem, hoje, agora, antes, depois: "O que aconteceu? Você chegou cedo!".

modo: bem, mal, assim, depressa e quase todos os advérbios terminados em -mente, como, por exemplo, felizmente, suavemente: "Saiu repentinamente da reunião e não se justificou".

lugar: aqui, ali, lá, abaixo, acima, longe, fora, dentro: "Meus tios moraram perto de nós durante muitos anos".

quantidade: possivelmente, porventura, quão: "Talvez chegue a tempo para assistir ao casamento".

afirmação: decerto, certamente, realmente, efetivamente: "Sim, senhor, eu vi tudo".

negação: não, nem, nunca, tampouco: "Ela não está bem de saúde hoje".

Fonte: CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. Português linguagens: Literatura, Produção de Texto e Gramática. v. 02 7. ed. São Paulo: Saraiva, 2010

Acredita-se que no tópico valores semânticos, os autores poderiam apresentar as características linguístico-discursivas dos advérbios e das locuções adverbiais, uma vez que nos textos esses mecanismos linguísticos carregam valores morfológicos, sintáticos, semânticos e discursivos. Além da capacidade de articular as ideias, os advérbios e as locuções adverbiais orientam o discurso e guiam as inferências dos interlocutores.

Assim, nesse momento os autores poderiam dizer que os advérbios assumem outras funções, nesse caso, constituem-se como marcadores discursivos e assim, certamente a seção intitulada uso e reflexão estariam mais de acordo com os parâmetros da Pragmática e da Gramática de Texto. Conforme Fiorin (2011) os estudos da Pragmática centram-se no uso e nas

condições que lideram a utilização da linguagem, dentre elas, a enunciação que se caracteriza a partir do ato de produzir enunciados, uma vez que alguns fenômenos linguísticos só são compreendidos em função do ato de enunciar. Dentre esses fenômenos, os marcadores de espaço, por exemplo, os advérbios de lugar (*aqui* e *lá*).

No manual de Leila Lauar Sarmiento e Douglas Tufano, o capítulo reservado para o advérbio agrega também as conjunções, as preposições e as interjeições. Mas a exposição dos conteúdos gramaticais é semelhante, a diferença é que o número de textos é maior e também há uma exploração maior dos gêneros discursivos, a saber: histórias em quadrinho e textos literários.

Em relação aos manuais em análise o uso e a função dos marcadores discursivos ainda são incipientes. Os autores apresentam apenas as categorias gramaticais dos advérbios, preposições, conjunções, locuções, verbos e pronomes. Ademais, os autores não explicitam as particularidades discursivas desses mecanismos linguísticos, que são elementos que contribuem na articulação e organização das ideias nos textos.

As concepções tradicionalistas ainda transitam na sala de aula, especificamente no ensino de língua materna em relação aos marcadores discursivos. Essa nomenclatura ainda é desconhecida por muitos professores de língua materna e o ensino restringe-se apenas à conexão entre os períodos e a função subordinativa dos conectivos.

Acredita-se que seja necessário rever as concepções que circulam nas aulas de Língua Portuguesa, uma vez que os marcadores orientam o discurso e colaboram para que o locutor convença o interlocutor de que as ideias presentes no texto oral ou escrito são verdadeiras. Para Portolés (2001, p.155), “los nuevos conocimientos sobre marcadores discursivos también facilitan su enseñanza tanto a estudiantes extranjeros, como a hispanoblatantes que pretendan mejorar sus recursos para la redacción”. O ensino dos marcadores discursivos também é relevante para que os estudantes de Língua Portuguesa desenvolvam textos mais coerentes e coesos.

Conhecer bem as funções que executam os marcadores discursivos no texto possibilita ao docente/discente, bem como aos profissionais que trabalham diretamente com a produção de textos escritos, escrever textos coerentes, coesos e, sobretudo, orientar a argumentação para os interesses dos locutores e conduzir o interlocutor a aceitar o que está posto. Além disso, trabalhar na sala de aula com os marcadores contribui para que o discente compreenda as marcas do implícito e do subentendido que estão presentes no texto e possibilita ao discente eleger um mecanismo linguístico-discursivo que mais condiz a sua intenção comunicativa.

Esta posibilidad de múltiples respuestas hace aconsejable que sea el propio profesor quien proponga los marcadores y que sea el alumno quien, en un principio, deba ordenar o elegir entre unos miembros del discurso ya expresos para pasar después a proponerlos si no están presentes. En este cometido, es conveniente recurrir a la disposición gráfica más aclaradora. (PORTOLÉS, 2001, p.158)

Acredita-se ainda que oferecer ao aluno a autonomia para escolher o conector adequado para usar no momento da escrita não seja uma tarefa fácil, porque a princípio é necessário romper com o paradigma de que o marcador é um advérbio, uma preposição ou conjunção. Assim, discutindo o marcador a partir de algum gênero discursivo na sala de aula ou através dos mecanismos gramaticais que estão presentes nos manuais didáticos ou gramáticas, o discente pode perceber que as inferências inseridas no texto são como uma estratégia que lhe possibilita compreender os mecanismos de coesão, coerência e argumentação. Além disso, o professor de língua materna precisa saber quais as funções e categorias a que pertencem o marcador e também que o marcador não agrupa apenas palavras ou partes do texto.

Outro recurso que é possível ensinar a partir dos marcadores discursivos é o da argumentação e persuasão. Pois,

a argumentação é vista como uma atividade que demanda competências cognitivo-discursivas particulares (de identificação, produção de argumentos) a serem, elas próprias, adquiridas e desenvolvidas através de práticas educacionais específicas. (LEITÃO, 2011, p.16)

E dentre essas práticas educacionais específicas estão o ensino da argumentação e dos marcadores a partir dos gêneros discursivos, sobretudo aqueles em que a presença da argumentação seja predominante, por exemplo, os artigos de opinião e os editoriais. São gêneros em que os locutores precisam argumentar para convencer o interlocutor de que os fatos relatados são verdadeiros ou convidá-lo a participar de algum movimento de protesto.

Assim, a partir dos conhecimentos dos marcadores discursivos, os discentes que são sujeitos sociais e historicamente situados, construirão sentidos e perceberão a realidade que os cerca. Nesse sentido, o manual didático compõe apenas uma das peças metodológicas que o professor pode apoderar-se, vários manuais didáticos apresentam uma gama de gêneros discursivos e detalhes linguísticos que contribuem na árdua tarefa de ensinar os alunos as diversas funções linguístico-discursivas dos marcadores discursivos.

3.Manuais Didáticos – uma análise: marcadores discursivos em artigos de opinião e editoriais

No Manual didático dos autores Leila Lauar Sarmiento e Douglas Tufano. Português: literatura, gramática, produção de texto, encontram-se os seguintes gêneros

jornalísticos: notícia, artigo, editorial e carta ao leitor. Desses, predominam a notícia e o artigo de opinião, de acordo com a tabela abaixo:

Tabela 1 – Quantidades de Gêneros da Esfera Jornalística no Manual Didático		
Gêneros Jornalísticos	Número	Percentual
Artigo de Opinião	18	47,36%
Notícias	16	42,10%
Editorial	2	5,27%
Carta ao leitor	2	5,27%
Total	38	100%

Fonte: SARMENTO, Leila Lauar; TUFANO, Douglas. Português: literatura, gramática, produção de texto. São Paulo: Moderna, 2018.

Além de carta ao leitor, de artigo de opinião, do editorial e notícias existe no manual didático em análise, o gênero jornalístico reportagem, no entanto, não fará parte da análise. No manual didático dos autores William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães. Há um número menor de gêneros da esfera jornalística e também apresenta o gênero reportagem, no entanto, não fará parte da análise, assim como, as notícias e a carta ao leitor.

Tabela 2 – Quantidades de Gêneros da Esfera Jornalística no Manual Didático		
Gêneros Jornalísticos	Número	Percentual
Artigo de Opinião	07	41,17%
Notícias	06	35,29%
Editorial	1	5,90%
Carta ao leitor	3	17,64%
Total	17	100%

Fonte: CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. Português Linguagens 2: Literatura, Gramática e Produção de Texto. 7ª ed. São Paulo: Saraiva, 2010

Percebe-se a partir das tabelas que os autores Leilar Lauar e Douglas Tufano trabalham mais com os textos jornalísticos. Esses dados também validam a informação apresentada nessa pesquisa, que os autores William Cereja e Thereza Cochar expõem mais gêneros da esfera literária.

Se optou por apenas pelo marcador discursivo **mas**, porque o objetivo é apresentar o comportamento linguístico-discursivo dos conectores nos textos selecionados, tendo em vista que com a análise, os interlocutores percebam que essas unidades exercem outras funções além das prototípicas e também expor para os discentes e docentes a importância dos MDs na articulação das ideias no texto, na formulação das orientações argumentativas e na produção das inferências. Na análise são apresentadas as funções de cunho sintático, bem como as discursivas, sobretudo em relação à escala argumentativa e a força argumentativa dos marcadores discursivos. Vale ressaltar que no manual didático de William Cereja e Thereza Cochar Magalhães, os autores priorizaram mais os gêneros literários, embora reservem uma seção para os gêneros da esfera jornalística. Já o manual dos autores Leila Lauar Sarmiento e Douglas Tufano, há uma quantidade menor de gêneros literários e o espaço para os gêneros da esfera jornalística, charges e historinha em quadrinhos é bem maior.

Texto 01 – Artigo de opinião

Baleia voadora

Já imaginou carregar um animal de 17 metros e cerca de 20 toneladas? Foi o que integrante do Greenpeace fizeram, em janeiro de 2006, para cutucar as autoridades japonesas, que permitem a caça às baleias. O mamífero, encontrado morto na costa norte da Alemanha, foi transportado até a embaixada do Japão em Berlim, do lado de fora de um avião e preso com “cintos de segurança”. Mas a ação não teve o resultado esperado. Apesar das pressões por violar a moratória internacional em vigor desde 1986, o Japão continua caçando cerca de mil baleias todos os anos.

No enunciado: **Mas** a ação não teve o resultado esperado. Apesar das pressões por violar a moratória internacional em vigor desde 1986, o Japão continua caçando cerca de mil baleias todos os anos. (ibidem, p.270).

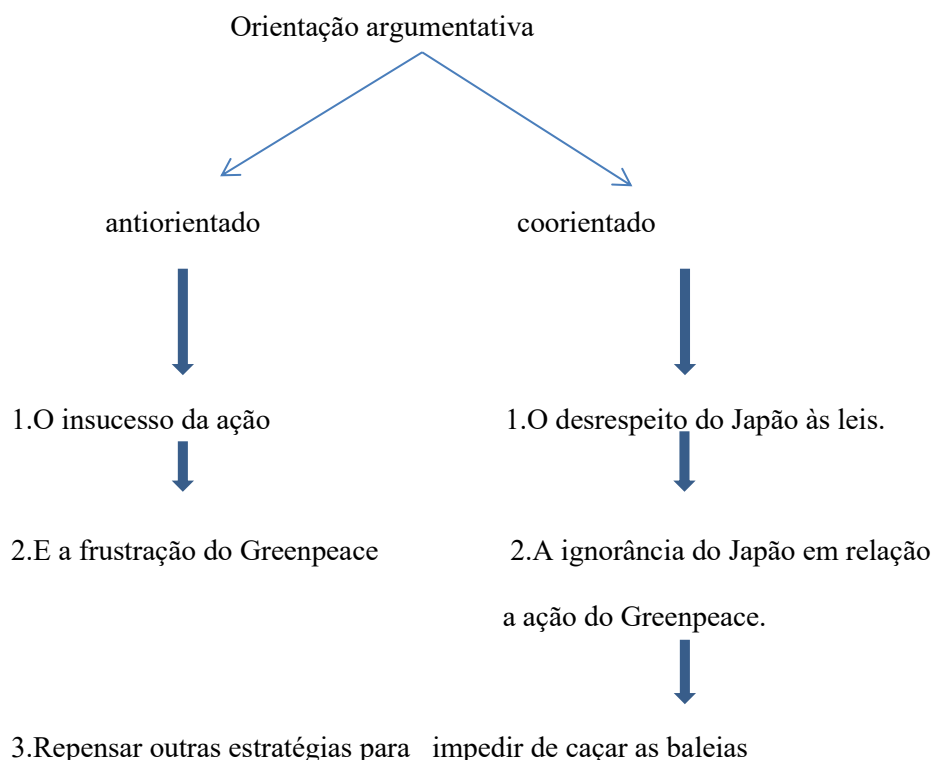
Nesse enunciado, o conectivo contra-argumentativo **mas** estabelece a ideia de oposição, como reza a gramática tradicional, e assim, coordena adversativamente a oração. Em síntese as funções do conector **mas** são:

(01) Oposição.

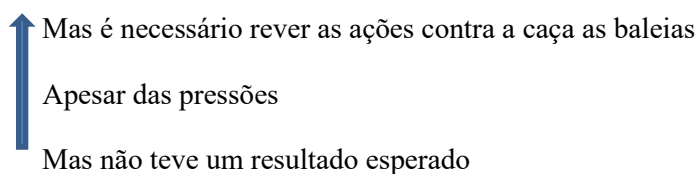
(02) Encadeamento da ideia do parágrafo e estabelecimento da conexão entre os blocos dos textos.

(03) Apresentação das seguintes orientações argumentativas: Ineficiência da equipe, uma vez que não alcançou os objetivos; a despreocupação do Japão com o meio ambiente; A predominância de ideias capitalistas; a necessidade de repensar outras ações para interromper a caça de baleias no Japão, ou seja, o Japão a caçar as baleias

(04) Na escala argumentativa encontramos as seguintes orientações argumentativas..



Na escala argumentativa a força argumentativa do conector **mas** se sobrepõe ao **apesar**.



A escala argumentativa acima apresenta de modo gradual as orientações discursivas desencadeadas pelo uso do conectivo contra-argumentativo **mas**. Além de que a exposição da escala quer dizer que o conectivo **mas** reorienta a argumentação e o uso do MD **apesar** exerce a função de concessão e também apresenta uma ideia de oposição. Essa ideia de oposição apresentada no texto

reforça o argumento de que existiram ações para impedir o Japão de caçar as baleias e que essas não foram suficientes. O conectivo **mas** determina que todas as ações foram insuficientes, por isso o conectivo exerce tanta força no texto e exige o Greenpeace repensar uma nova estratégia.

Nesse sentido, convém ressaltar que as relações adversativas desencadeadas pelo uso do conectivo **mas** não compreendem apenas aos aspectos coordenativos ou subordinativos das conjunções, mas nas afinidades linguísticas dos segmentos, sobretudo nos enunciados que comportam em sua base semântica e pragmática os argumentos orientados ou antiorientados. A adversidade corresponde a um mecanismo argumentativo que expõe razões que conduzem os interlocutores a conclusões coorientadas ou antiorientadas. No texto a seguir, que se configura como um artigo de opinião percebe-se que para estabelecer juízo de valor e apreender os argumentos implícito e explícito no texto é necessário relacionar os mecanismos linguísticos de acordo com as suas funções morfossintáticas.

Texto 02

Qual o impacto das ações humanas sobre os oceanos?

Uma pesquisa recém-divulgada pela revista Science mostrou que 41% dos oceanos já foram afetados pela ação do homem. As áreas mais degradadas são o Mar do Caribe, o Mar do Norte, o Mar Mediterrâneo e as águas que vão do entorno do Japão até a Austrália. Um exemplo da degradação neste último trecho é a australiana Grande Barreira de Corais, que pode sumir se a devastação continuar. Somente por lá vivem mais de 12.000 espécies de peixes, moluscos e crustáceos.

O ciclo de destruição desemboca nos oceanos, mas tem início longe do litoral. Quase todos os rios carregam poluentes das cidades por onde passam. E 80% disso chega aos oceanos sem tratamento. A isso se somam a pesca predatória, a poluição gerada pela navegação e outros fatores. Resultado: quase 40% das espécies marinhas correm o risco de perder até 90% da população original até 2050.

E o aquecimento global? Ele piora as coisas. A elevação da temperatura das águas mata diversos tipos de coral que servem de alimento para caramujos e crustáceos, sem contar que a água salgada degelada acaba invadindo fontes doces e prejudicando o abastecimento de populações.

O uso das estratégias de perguntas, sobretudo no título possibilita ao leitor buscar respostas fora do texto, pois nem as resoluções são apresentadas no texto, porque na maioria das vezes os locutores usam esses mecanismos para que o leitor reflita e também possibilita a desenvolver a competência da pesquisa e da criticidade. Além dessas questões o locutor do artigo usa os mecanismos dos dados estatísticos para validar os seus argumentos e defender o seu ponto de vista.

Além disso, o uso do MD **mas** também reorienta os argumentos. No enunciado a seguir o conectivo **mas** exerce funções de ordem sintática e discursiva.

*O ciclo de destruição desemboca nos oceanos, **mas** tem início longe do litoral. Quase todos os rios carregam poluentes das cidades por onde passam.* (ibidem, p.330) .

(05) Subordinação (função sintática).

(06) Encadeia a ideia principal, uma vez que estabelece uma relação discursiva e textual entre os períodos.

(07) A compreensão do leitor se dá a partir da leitura do próximo período.

(08) Observam-se as seguintes orientações argumentativas: é necessário discutir propostas para Educação Ambiental; a relação sustentável entre o avanço tecnológico e o meio ambiente; discussão acerca do capitalismo.

(09) O conectivo **mas** apresenta a ideia de adição.

Os aspectos morfossintáticos, ou seja, as funções morfológicas e sintáticas da conjunção, **mas** estabelece no texto a relação de subordinação e articulação. Essa relação do conector fornece informações discursivas que cooperam para a construção das inferências e a compreensão do leitor nas perspectivas micro e macro do texto.

Na análise da conjunção empregada no enunciado acima, percebe-se que para estabelecer juízo de valor e apreender os argumentos implícitos e explícitos no texto é necessário relacionar os itens de acordo as suas funções morfossintáticas.

Em relação aos outros conectivos analisados, percebe-se que as relações morfossintáticas possibilitam a formulação das pressuposições. E que de acordo com Ducrot (1972, p.124), “entendemos a descrição semântica como um conjunto de conhecimento que permitem prever o sentido que recebe efetivamente cada enunciado da língua em cada uma das situações em que é empregado”. Nesse sentido, a análise dos conectores, até o momento parte do princípio de que os enunciados são constituídos de elementos externos e internos que determinam a produção de sentido e as orientações discursivas entre os interlocutores.

Espera-se que proporcionar atividades que conduzam os discentes a compreender as estratégias discursivas, seja o grande calcanhar de Aquiles para os autores dos manuais didáticos,

porque alguns mecanismos já foram estudados na primeira série do ensino médio, como, a citação, o discurso, o interdiscurso. Vale salientar que essas estratégias são discutidas separadamente e os textos utilizados, geralmente pertence à categoria literária.

São as condições expostas pelo auditório que determinam a ação dos interlocutores e as estratégias que os mesmos irão utilizar. De acordo com Leitão (2011) independente do contexto discursivo, no jogo argumentativo, são ativados outros mecanismos, isto é, são mecanismos linguístico-discursivos que produzem uma negociação entre as partes, as divergências e as convergências são motivadas a partir da relação entre os pontos de vista apresentados.

Por fim, vários fatores são relevantes para que os autores de manuais didáticos adotem totalmente a perspectiva da Argumentação. Não há condições de contemplar todas as correntes linguísticas, porque os livros não podem ter um número elevado de páginas, uma vez que existem os custos de produção. Além disso, a predominância do ensino estruturalista, a sociedade em geral cobra o ensino de gramática e dos gêneros literários, pois acreditam que uma boa produção de texto está atrelada ao domínio das regras gramaticais. Sabe-se que a produção de texto está associada a inúmeros fatores, como, a leitura, a reescrita, ao conhecimento dos elementos de conexão e coesão, ao domínio das características de diversos gêneros discursivos.

Além da discussão acerca do manual didático, vale ressaltar que o vilão da ausência do ensino das estratégias argumentativas não é apenas o manual didático, outros vilões também protagonizam essa cena, a saber, a ausência de qualificação dos professores de língua materna, nesse caso, é necessária destacar que a maioria dos profissionais de educação não têm condições do ponto de vista financeiro e também não são incentivados pelas instituições as quais estão vinculados.

Atrelada à carência de qualificação dos professores de língua materna, encontram-se a gestão administrativa e pedagógica e os exames, embora alguns processos seletivos atendam as perspectivas da Argumentação. Assim, o ensino de língua a partir da vertente argumentativa solicita ao sujeito vê-las como instrumentos de ação que recaem sobre o interlocutor.

Considerações finais

Diferentes formas de dizer, acredita-se que a pesquisa apresentou algumas formas de conceituar e classificar os MDs e também de analisá-los sob a perspectiva teórica da semântica argumentativa. Além disso, reiterando alguns aspectos durante o texto, que a discussão acerca dos MDs nos manuais didáticos possibilitou-nos reconhecer a importância dos conectores na tessitura do texto e também fomentar a reflexão e o uso desses enunciados pelos docentes\discentes. Além de compreender que esses mecanismos exercem as funções coesivas e de coerência textual e, sobretudo, discursivas.

Além da perspectiva textual, os MDs sob a ótica da argumentação são considerados recursos sintático-semânticos que determinam a orientação argumentativa, as inferências, a sequência textual e contribuem para a organização das ideias e que a utilização adequada desses elementos proporciona ao texto uma progressão textual e a compreensão temática dos enunciados por parte do leitor.

Retomar os conceitos de argumentação, possibilitou-nos compreender também a dimensão discursiva em que os MDs se inscrevem. Dimensão esquecida pelos autores dos manuais didáticos e do contexto da sala de aula. Assim, analisar os MDs nos gêneros da esfera jornalística, especificamente o artigo de opinião e o editorial nos manuais didáticos, possibilitou-nos reconhecer a riqueza desses gêneros e a importância de trabalhar os MDs a partir desses gêneros, primeiro porque são predominantemente argumentativos e, segundo, os MDs marcam o ponto de vista do interlocutor do texto e terceiro determinam os argumentos orientados ou coorientados

Referências

ALOMBA RIBEIRO, Maria D'Ajuda Alomba. **Los conectores argumentativos en los aprendices hispanohablantes de portugués**. 2005. 370 p. Tese (Doutorado em Língua Aplicada) Universidad de Alcalá. Facultad de Filosofía y Letras. Departamento de Filología. Madrid-ES, 2005

ANSCOMBRE, Jean-Claude; DUCROT, Oswald. **La argumentación en la lengua**. 2º ed. Madrid: Editorial Gredos, 1998.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da criação verbal**. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37º ed. Rio de Janeiro-RJ: Lucerna, 2006.

BUENO, Luzia. **Os gêneros jornalísticos e os livros didáticos**. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2011..

CAMACHO, Y Mª Matilde; CORTÉZ, Luis. **Unidades de segmentación y marcadores del discurso: elementos esenciales en el procesamiento discursivo oral**. Madrid: Arco/Libros, 2005.

CARDOSO, Fernanda Moreno; GRILLO, Sheila Vieira de Camargo. As condições de produção: recepção dos gêneros discursivos em atividades de leitura do ensino fundamental. In: ROJO, Roxane; BATISTA, Antônio Augusto Gomes (orgs). **Livro didático de Língua Portuguesa, letramento e cultura da escrita**. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2003.p.101-124

CARVALHO, Rosilene Rodrigues de. Cartas do leitor: ação retórica no ensino fundamental. In: PETRONI, Maria Rosa; JESUS, Roseli Batista (orgs) **Gêneros do discurso, leitura e escrita: experiências de sala de aula**. São Paulo-SP: Pedro e João editores. 2008, p.40-60

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português linguagens: Literatura, Produção de Texto e Gramática**. v. 02 7. ed. São Paulo: Saraiva, 2010.

CUNHA, Celso. **Gramática do português contemporâneo**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2008..

DUCROT, Oswald. **Princípios de semântica linguística**. Trad. Carlos Vogt; Rodolfo Ilari; Rosa Attié Figueira. São Paulo: Cultrix. 1972.

_____. **Provar e Dizer: Linguagem e Lógica**. Trad. Maria Aparecida Barbosa; Maria de Fátima Gonçalves Moreira; Cidmar Teodoro Pais. São Paulo: Global Editora. 1981.

_____. **O dizer e o dito**. Trad. Eduardo Guimarães. Campinas-SP: Pontes, 1987

FARIA, Maria Alice. **O jornal na sala de aula**. 13 ed. São Paulo-SP: Contexto, 2007.

FIORIN, José Luiz. Pragmática. 5º ed. In: José Luiz Fiorin (org) **Introdução à Linguística: II Princípios de análise**. São Paulo: Contexto, 2011, p.161-186.

LEITÃO, Selma. O lugar da argumentação na construção do conhecimento em sala de aula. In: DAMIANOVIC, Maria Cristina; LEITÃO, Selma (orgs). **Argumentação na escola: o conhecimento em construção**. Campinas-SP: Pontes, 2011.p.13-46

LEITÃO, Selma; VARGAS, Geovana Camargo. Ações Epistêmicas na argumentação entre pares em sala de aula. In: DAMIANOVIC, Maria Cristina; LEITÃO, Selma. (orgs). **Argumentação na escola: o conhecimento em construção**. Campinas-SP: Pontes, 2011. p.153-182

LIMA, Rocha. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. São Paulo-SP: José Olympio, 2010.

MACHADO, Irene. Gêneros discursivos. In: Beth Brait (org.).**Bakhtin: Conceitos chave**. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2012. p.151-160.
 PAILLARD, Denis. Marcadores discursivos e cena enunciativa. In: VOGUÉ, Sarah de; FRANCKEL, Jean-Jacques; PAILLARD, Denis.(orgs). **Linguagem e enunciação: representação, referência e regulação**. São Paulo: Contexto, 2011. p.161-186.

PCN + Ensino Médio: Orientações Educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Brasília: MEC. 2002.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação: a**

nova retórica. Trad. Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PETRONI, Maria Rosa; JESUS, Roseli Batista. O gênero do discurso: artigo de opinião em atividades de leitura e escrita no ensino fundamental. In: PETRONI, Maria Rosa; JESUS, Roseli Batista (orgs) **Gêneros do discurso, leitura e escrita: experiências de sala de aula**. São Paulo-SP: Pedro e João editores. 2008.

PLANTIN, Cristian. **A argumentação**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2008.

PORTOLÉS, José. **Marcadores del discurso**. Barcelona: Ariel, 2001.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEUREC, J.L.; BONINI, Adair ; RODRIGUEZ, Catalina Fuentes. **Las construcciones adversativas**. MadridEspanha: Arco Libros. 1998.

RODRÍGUEZ, Mº Del Camino Garrido. **Conectores contraargumentativos en la conversación coloquial**. León: Universid, Secretariado de Publicaciones y Medios Audiovisuales, 2004.

SÁNCHEZ, Manuel Martí. **Los marcadores en español L/E: conectores discursivos y operadores pragmáticos**. Madrid-Espanha: Arco Libro, 2008.

SARMENTO, Leila Lauar; TUFANO, Douglas. **Português: literatura, gramática, produção de texto**. São Paulo:Moderna, 2010.

SEIDE, Márcia Sipavicius. Funções retórica da escolha dos elementos coesivos em textos jornalísticos informativos e opinativos. In: SELLA, Aparecida Feola; BUSSE, Sanimar ; CORBARI, Alcione Tereza (orgs) **Argumentação e Texto: Revisitando Conceitos, propondo análises**. Campinas, SP: Pontes, 2012.

SEIXAS, Lia. **Redefinindo os gêneros jornalísticos: proposta de novos critérios de classificação**. Covilhã: LabCom Books, 2009. Disponível em:<http://www.livroslabcom.ubi.pt/sinopse/seixas-classificação-2009.html>. Acesso em:15 abr. 2013.

TOULMIN, Stephen Edelston. **Os usos do argumento**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ZORRAQUINO, Maria Antonia Martín; DURÁN, Estrella Montolío. **Los marcadores del discurso: Teoría y análisis**. 2 ed. Madrid-Espanha: Arco Libro, 2008.

ZULOAGA, Margarida Borreguero; SERENA, Araceli López. Marcadores discursivos, valores semânticos y articulación informativa del texto: el peligro del enfoque lexicocentrista. In: ASCHENBERG, Heidi; LAMAS, Óscar Loureda (orgs) **Marcadores del discurso: de la descripción a la definición**. Madrid: Iboamericana e Vervuert, 2011. p.169-210.